

CARVALHO, José Mauricio. *A idéia de filosofia em Delfim Santos*. Londrina:

Ed. da UEL, 1996. 237p.

Em 2007, um Congresso Internacional realizado em Portugal celebrou os cem anos de nascimento de Delfim Santos, um dos principais filósofos portugueses do século passado. O evento possibilitou a retomada de vários assuntos considerados neste livro. A atenção recente ao filósofo revaloriza o livro em questão, voltado para os temas filosóficos fundamentais do filósofo lusitano.

A obra divide-se em três partes fundamentais: pensar o homem, a força da tradição e filosofando. A primeira parte trata da visão de Delfim Santos dos estudos sobre o homem pela filosofia contemporânea. Neles, trata-se das formas de superar a crise contemporânea, que é resultado do fato de o homem ter-se esquecido de si mesmo. A segunda parte trata da tradição filosófica em Portugal e da influência dessa tradição na forma de pensar do filósofo. A última parte trata mais precisamente de sua filosofia.

Na primeira parte da obra, “Pensar o homem”, é possível observar que o filósofo português foi um pensador preocupado com os problemas e discussões filosóficas de seu tempo; por isso, desenvolveu um diálogo profícuo com os maiores representantes da filosofia daqueles dias (sem perder de vista a tradição teórica lusitana). Entre seus interlocutores mais importantes, encontram-se os filósofos alemães Martin Heidegger e Nicolai Hartmann.

O filósofo português viu na meditação metafísica contemporânea a possibilidade de retomar o tema central da Filosofia, pois esta, desde Sócrates, havia se esquecido de seu tema central, o homem. Para Delfim Santos, a Filosofia representa o esforço de compreensão do que é o homem, dado que tal compreensão estimula a reflexão e aumenta a lucidez sobre a validade. Por meio de tal discussão, a solução dos problemas ganha meios de avançar sobre o tema de nosso tempo, o homem, conforme comenta o autor:

Nesse último século do segundo milênio o sujeito humano voltou-se dramaticamente para si mesmo, a reflexão filosófica tornou-se autocrítica do homem. Lembrou-nos

Delfim Santos que desde Sócrates a filosofia privilegiando os princípios universais, entidades lógicas e explicações gerais esqueceu-se do homem. O mérito das filosofias de nosso tempo é justamente o de restabelecer esse ponto de partida, equilibrando a relação homem mundo. O homem descobre-se insatisfeito com tudo o que já pensou sobre si e vê-se desafiado a criar as bases de um novo humanismo (p. 36).

Essa insatisfação do homem com aquilo que já pensou de si leva-o a reconhecer a falibilidade do seu entendimento. A limitação do conhecimento aponta para a facticidade da existência. Nesse momento, a angústia aparece como oportunidade para o homem revisar suas ideias. Ao pensar a morte e em sua participação na vida, o homem se descobre finito, o que o leva a redimensionar o valor de suas escolhas.

O desenvolvimento da técnica na Idade Moderna e o sucesso que ela trouxe alimentaram a crença na ciência. O homem moderno acreditou que a ciência solucionaria todos os problemas do homem no mundo. Porém, as indagações primordiais do homem continuaram sem respostas, apesar do enorme desenvolvimento tecnológico da sociedade. Pior, a técnica usada para o bem-estar do homem foi aproveitada para fins nada inofensivos, como nos casos da guerra bacteriológica e da ameaça atômica, mostrando que a ciência em si não possui uma limitação ética. Qual avaliação Delfim Santos fez da ciência? “[...] ela não deu ao homem o que ele esperava, dando-lhe inesperadamente o que ele não esperava. E que fazer desse não esperado que, de longe e bruscamente, ultrapassou todas as suas esperanças? (SANTOS, 1982, p. 272) (p. 44)”.

Delfim Santos concluiu que a decepção com os resultados da ciência promoveu uma crise que o obrigou, pela desconfiança com os antigos parâmetros, a buscar em si mesmo um novo caminho.

O autor destaca a crítica delfiniana à escola positivista. Ele mostra que o positivismo do século XIX concentrou a busca da verdade no campo da ciência, relegando outros domínios. A ciência experimental provou sua eficiência em decodificar e dominar a natureza, mas nada diz sobre a existência de liberdade do homem. O positivismo científico reduziu a realidade humana aos fatos e retirou dela seu significado ao excluir o sentido da

existência. A vida é muito mais do que os fatos. Nela, há escolhas e criação. Assim, parte importante da existência não encontra resposta na ciência.

Consoante o filósofo lusitano, as guerras e atrocidades da primeira metade do século fizeram com que as crenças na racionalidade e no progresso humano ficassem abaladas, generalizando a percepção da crise. Para recuperar-se dessa desilusão, o homem necessita construir um novo humanismo. O autor resume o que propõe o filósofo:

Como nesses últimos tempos o homem pareceu haver-se esquecido de si, vê-se agora diante do desafio de construir um novo humanismo. A importância do esforço permanente de aprimoramento moral ganhou ainda mais realce nesse contexto. Voltar-se para o homem e *tematizá-lo* como abertura ou transcendência tornou-se uma empreitada irrecusável e um convite que a consciência contemporânea não pôde se furtar. No declinar da metafísica a pergunta sobre o que é o homem não deixa de se impor. A ambiguidade humana é uma constatação e a ambivalência não se origina fora dela (p. 47).

O Positivismo veiculou a crença de que o desenvolvimento moral era proporcional ao desenvolvimento técnico, apontada a crença na razão como aquela que resolveria todos os problemas humanos. Entretanto, o homem percebeu, com as guerras, a instabilidade que o rodeia e que muitas vezes ele é guiado por forças irracionais. Com a emergência do romantismo, o homem insurgiu-se contra uma razão repressora e procurou afirmar uma nova condição. Porém, uma vontade sem razão revelou ser um caminho insuficiente. O filósofo português procurou superar tanto o racionalismo como o irracionalismo, como comenta o autor no trecho que abaixo reproduzimos:

Delfim Santos teve a pretensão de falar de um homem desafiado pela razão, sobretudo possuído por crenças, mas que tinha um componente diverso do racionalismo do século XVIII e do irracionalismo do século XIX. A filosofia que ele criava estava a superar os exageros das centúrias anteriores. O julgamento do iluminismo e do positivismo ele o fez nos seguintes termos: 'Vai longe a época, historicamente catalogada em que o homem, sentindo em si a força de uma razão que tudo prometia, se julgava suficiente e capaz de

emprestar a todos os aspectos da vida uma explicação idêntica, em exatidão, à que admiravelmente serve as ciências matemáticas e físicas' (SANTOS, 1982, p. 9) (p. 61).

Explica o autor que o objetivo de Delfim Santos é construir um processo de humanização para o qual é necessário criar um ambiente adequado. Dessa forma, o filósofo português elaborou uma crítica à ideia positivista do homem e reconheceu a singularidade da condição humana com relação aos outros seres. Eis o fundamento da diferença, o homem possui um mundo interior e valores. Seu intuito com essa proposta é estabelecer a liberdade do conceito antropológico da precipitada resposta da fundamentação científica.

Na segunda parte da obra, denominada “A força de uma tradição”, o autor mostra que o movimento cristão neotomista acreditava que a causa da crise contemporânea do homem era o abandono da cristandade medieval e da interpretação metafísica do homem e do mundo. Delfim Santos concorda com a avaliação de Guillouin sobre o papel da reforma, considerando que ela ajudou na quebra do antagonismo entre a vida celestial e a terrestre, mas discorda da sua avaliação de que a crise contemporânea tenha origem na Renascença e no naturalismo místico, como o de Rousseau. Para o filósofo lusitano, a cristandade entrou em decadência por enfraquecimento interno, fato que gerou a quebra da unidade. Ele identificou a crise como resultado da falta de reflexão contemporânea, que tem origem no abandono dos atributos gregos: geometria, lógica e dinâmica mental.

Para o filósofo, a tradição européia foi formada por três eixos distintos e complementares: Roma, Cristianismo e Grécia. Assim, resume o autor: “Conforme observamos, no sentir de Delfim Santos, o projeto de civilização ocidental deitava raízes na organização jurídica romana, na moral universal cristã e no desenvolvimento da reflexão grega” (p. 80). Integrante do mundo ocidental, falta a Portugal desenvolver a última. Ele identificou como causa desse afastamento o isolamento de Portugal com relação aos outros países da Europa.

Na tradição portuguesa, encontramos forte presença da escolástica, principalmente na reflexão moral. O autor mostra que Delfim Santos critica o abandono da escolástica pela

modernidade, mas discorda da visão escolástica que retira o homem da vida terrena. Ele acompanha Heidegger ao pensar a finitude humana.

Na terceira parte da obra, segundo apresenta o autor, Delfim Santos afirma que antes de examinar o ontológico é preciso estabelecer o mínimo gnosiológico, ou seja, este está na base e confere validade aos outros estratos da realidade. Dessa forma, o filósofo lusitano elabora a teoria dos mínimos, pois, para atingir uma posição positiva, os máximos não oferecem a mesma garantia que os mínimos. Os mínimos de garantia estabelecidos pelo filósofo lusitano são: gnosiológico, ontológico, metafísico e axiológico. Ele os distinguiu como imediato e quase-imediato. O único imediato é o mínimo gnosiológico que fundamenta os demais. Eis como Delfim Santos definiu o mínimo gnosiológico:

A situação natural do homem é sempre gnosiológica. Antes de poder concluir a existência da sua consciência, terá de realizar um esforço de conhecimento, antes de compreender a relação entre a sua consciência e a realidade, terá igualmente de realizar um esforço de conhecimento. O mínimo ontológico e o mínimo metafísico são posteriores ao mínimo gnosiológico. Em razão disso se chama a este 'imediato' e aos outros 'quase-imediatos' (1982, p. 351) (p. 109).

Segundo Delfim Santos, o primado gnosiológico leva à noção de consciência e, dessa maneira, estabelece o mínimo ontológico:

Podemos enunciar este 'mínimo' da seguinte maneira: pode pôr-se em dúvida a existência de todos os ingredientes admitidos no fenômeno do conhecimento. A consciência, porém, é o horizonte a essa dúvida, e a manifestação de dúvida é indício irrefutável de consciência (SANTOS, 1982, p. 409) (p. 201).

Consoante o filósofo português, o suporte da consciência é a vida e o suporte da vida é a matéria; logo, a consciência tem uma dependência imediata da matéria. Nesse caso, a consciência se relaciona com a vida e a matéria (entre vários ingredientes da realidade); ou seja, não é a consciência que cria o objeto do conhecimento; é necessário que o objeto seja

manifesto para estabelecer o conhecimento a partir da relação entre a consciência e algo distinto dela. Chegamos, então, ao mínimo metafísico:

A consciência é uma forma de individuação que tem como suporte imediato a vida. E a vida tem como suporte imediato a matéria. Encontramos, pois, além de diversidade, um sentido de dependência mediato e imediato de relação com outros ingredientes no universo. É este o ‘mínimo’ metafísico que se nos impõe (SANTOS, 1982, p. 350) (p. 202).

Além do mínimo ontológico e do metafísico, o mínimo gnosiológico fundamenta o mínimo axiológico, que é “função imediata do mínimo gnosiológico, e nos permitirá o estabelecimento duma axiomática valorativa a que deverá referir-se todo o complexo cultural (SANTOS, 1982, p. 350) (p. 203)”. Segundo o filósofo lusitano, o conhecimento pressupõe a diferença entre o objetivo e o subjetivo. Nesse momento, deparamo-nos com um novo tipo de domínio, que é valorativo, e entramos no campo complexo da cultura.

Nesta obra, o autor apontou os caminhos percorridos por Delfim Santos. O livro mostra que o autor conhece a discussão filosófica contemporânea e os momentos fundamentais da tradição filosófica portuguesa. Ele explorou com clareza os momentos mais marcantes da reflexão filosófica de Delfim Santos. Em sua análise, também apareceram os limites de sua filosofia. Embora escrito há alguns anos, sendo provavelmente o primeiro livro editado no Brasil sobre o autor, a interpretação apresentada permanece atual quando consideramos os trabalhos apresentados no Colóquio realizado em Portugal para comemorar os cem anos de nascimento do filósofo.

Ac. Marina Aparecida Madeira (UFSJ)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz de Oliveira (UFSJ)

Data de registro: 10/02/2009

Data de aceite: 07/05/2009

Revista *Estudos Filosóficos* n° 2/2009 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 181 – 186